

Resenha de: Castro, Celso e Marques, Adriana. 2015. *Pesquisando os militares brasileiros: experiências de cientistas sociais*. Curitiba: Ed. Prismas.

Rev. Bra. Est. Def. v. 3, nº 2, jul./dez. 2016, p. 221-225
ISSN 2358-3932

DANILLO AVELLAR BRAGANÇA

OS VALORES ARTESANAIS DE UMA CIÊNCIA

Todo livro é uma peça de trabalho artesanal que merece reverência. É artesanal porque demanda do seu autor ou autores um tipo de ofício que leva tempo, inspiração intelectual e entalhes pessoais que ficam marcados no resultado final. Num bom livro, maduro e representativo como este que resenho agora, as marcas pessoais dos autores ficam evidentes, como em vários *fingerprints*, que podem ser perfeitamente observados.

No livro *Pesquisando os militares brasileiros: experiências de cientistas sociais*, de Celso Castro e Adriana Marques, a percepção sobre o toque de cada autor está latente nas linhas do texto. Na verdade, são entrevistas. Sete no total. Estas entrevistas foram compiladas em um texto leve, de fácil interação com o leitor e de fundamental importância no campo dos estudos de Defesa.

As entrevistas foram realizadas no interior dos projetos “A instituição militar no Brasil” e “História audiovisual das Ciências Sociais no Brasil”, ambos com suporte do CNPq, e “Transformações da profissão militar no Brasil”, de financiamento pela Fundação Getúlio Vargas. As entrevistas estão disponíveis integralmente no portal do CPDOC/FGV.

Eurico de Lima Figueiredo, Alexandre Barros, Eliézer Rizzo de Oliveira, Manuel Domingos Neto, Hector Saint-Pierre, João Roberto Martins Filho e Samuel Alves Soares.

São entrevistados neste projeto os sete pais fundadores, por assim dizer, dos estudos de Defesa no Brasil. Num país pleno de potencialidades, e também pleno de lacunas a serem completadas, o livro registra o surgimento de uma ciência a partir do depoimento de seus criadores. Uma destas lacunas é a necessidade de se estudar os militares pela ótica da Ciência Política,

Danillo Avellar Bragança – Professor colaborador da Universidade Federal Fluminense, doutorando em Ciência Política pela mesma instituição. Mestre em Relações Internacionais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e licenciado em Filosofia pela mesma instituição. E-mail: dbraganca@id.uff.br

desbravando um espaço de difícil acesso, espinhoso por si próprio, mas fundamental para a democracia no Brasil.

Não é sempre que se pode ser testemunha ocular do surgimento de uma ciência. Os debates que forjam suas primeiras acepções epistemológicas, seus princípios ontológicos e suas condições de pesquisa. Todos estes elementos estão colocados nas entrevistas, como já a primeira referência para as futuras gerações de pesquisadores que viriam no futuro.

Eles estavam certos.

A primeira leva de pesquisadores deu origem a uma segunda geração, a uma terceira, a uma quarta e a uma quinta geração, e duvido que não tenham outras que possam ser contadas mais a frente, já circulando por aí, nas salas de aulas de graduações nas grandes universidades. Os sete primeiros – e alguns outros pesquisadores como Antônio Carlos Peixoto, René Dreifuss, Edmundo Campos Coelho, já falecidos – previram que haveria demanda para toda uma área em formação. Um dos filhos indiretos desta “reunião”, a Associação Brasileira de Estudos de Defesa (ABED), tem experimentado um número cada vez maior de inscritos e de trabalhos publicados.

Desta primeira geração entrevistada no livro, todos eles estão na ativa, produzindo. Vão aos eventos, participam dos debates, promovem a contínua expansão do campo. Alguns têm conta pessoal no Facebook bastante movimentada, numa clara sugestão de que este campo de estudos tem capacidade permanente de reinvenção e de inserção nas mídias digitais.

Há uma importante relação que se pode ver, o primeiro destes *fingerprints* a que me referi acima. Talvez por ser um livro de entrevistas, a interação entre a primeira geração de entrevistados e a segunda, terceira e quarta gerações de entrevistadores, evidencia certa uniformidade. Muitas das referências culturais são conhecidas por todos, são partilhadas por todos, mas experimentadas de formas diversas, dada a diferença geracional aí colocada.

O primeiro dos entrevistados, Eurico de Lima Figueiredo, discorre sobre sua vida, sendo instado inicialmente pela sua *referência familiar*. Isto acontece em outras gerações, como motivador de pesquisa. Esse aspecto aproxima o entrevistado e o entrevistador, garante um espaço comum de diálogo e abre um outro de exploração dos discursos similares. É um tipo diferente de observação participante, por assim dizer.

A referência familiar é elemento motivador para mim também, de certa forma. Não com os militares das Forças Armadas, mas da Polícia Militar. Em instituições fechadas como estas que pesquisamos, ter um elemento de referência familiar garante algum acesso, alguma segurança de circulação dentro de limites restritos – mas que podem ser ampliados de acordo com

a patente ou com o nível de influência dos parentes envolvidos. Esta referência familiar é, portanto, um motivador, um facilitador e, provavelmente, um multiplicador.

Esta referência familiar fica circunscrita a Eurico dentre os sete. Em um nível ainda mais profundo de observação participante, Eurico, Alexandre Barros, Manuel Domingos Neto e Samuel Alves Soares estudaram em escolas militares ou serviram nas Forças Armadas,¹ algo que é inevitável em um campo de observação onde estão representados, majoritariamente, homens, brancos, filhos de família de classe média, normalmente com maior possibilidade de escolha no serviço militar obrigatório.

Este é um elemento importante, um segundo *fingerprint*, que precisa ser pinçado aqui e é comentado no texto: a ausência de mulheres nestas primeiras gerações de cientistas sociais/cientistas políticos interessados em temas militares no Brasil. Três referências importantes precisam ser descritas aqui, como elementos fora de uma curva que já fora mais restritiva, mas que ainda precisa de maior representatividade. Suzeley Kalil Mathias, hoje na UNESP, teve os militares como elemento central de suas pesquisas desde a década de 1990, com sua tese publicada em 1999.

As outras duas mulheres estão fortemente envolvidas nos projetos que formaram este livro. Adriana Marques é organizadora do livro, como Celso Castro. É de uma terceira geração de pesquisadores, mas referência importante para muitas outras que vieram posteriormente. Além de Adriana, a pesquisadora Sílvia Monnerat também está envolvida diretamente nas entrevistas, em espinhosos grupos focais, entre outras funções vitais para o projeto.

Nesse sentido, alguma correção foi feita. A entrevista com Samuel Soares é realizada por Adriana e Sílvia. Em uma missão menos complexa do que um grupo focal com mulheres de oficiais das Forças Armadas, mas sem dúvida importante e desafiador, elas representam um número cada vez mais visível de mulheres que se envolvem em pesquisas com militares nos eventos regionais ou nacional da ABED. Elas dão conta de outro processo de participação civil nos temas de Defesa e Forças Armadas, um espaço também majoritariamente dominado por homens, brancos, de famílias de classe média.

Ao lecionarem nas escolas militares, como a Escola de Comando de Estado-Maior do Exército (ECEME), a Escola de Guerra Naval (EGN) e a Escola Superior de Guerra (ESG), elas representam a entrada de outra geração de pesquisadoras em espaços não habitados anteriormente por civis, e, ainda mais, por mulheres. Adriana Marques já esteve como docente na ECEME, onde hoje está Monique Goldfeld. Na EGN, Sabrina Medeiros é docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos. Na ESG,

Rejane Costa Pinto é pesquisadora do quadro permanente e professora da Pós-Graduação em Segurança Internacional e Defesa.

“Seja um bom artesão”, disse C. Wright Mills em seu ensaio sobre o artesanato intelectual. Aqui está um excelente trabalho de pesquisa, de construção de conhecimento e grande valor histórico para a área dos estudos de Defesa.

Palavras-chave: Forças Armadas; Relacionamento Civil-Militar; Ciência Política; Métodos.

NOTAS

1. Eurico estudou no Colégio Militar do Rio de Janeiro; Alexandre Barros serviu como soldado e não seguiu carreira; Manuel Domingos foi do Centro de Preparação de Oficiais da Reserva, por já cursar o ensino superior quando cumpriu o alistamento obrigatório; Samuel Soares foi da Escola de Preparação de Cadetes do Exército (ESPCEX), da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), saindo como capitão, em 1990.